

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA
DRA. ALEXANDRA LIMA DA SILVA –
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO - UERJ**

Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti 1

Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro | **1**
- UERJ. Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí – UFPI onde atua
no Curso de Licenciatura em Música e no Programa de Pós-Graduação em
Educação. Coordenador do Núcleo de Pesquisa Educação, História e Ensino de
Música - NEHEMus. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1728209127429787>.
E-mail: ednardo@ufpi.edu.br

Alexandra Lima da Silva: Doutora em Educação (ProPed-UERJ, 2012). Bacharel, Licenciada e mestre em História pela UFF (2005; 2008. Realizou estágio de doutorado sanduíche na Universidad de Alcalá com bolsa CAPES (2011). Foi bolsista nota 10 da FAPERJ (2011-2012). Atuou como professora efetiva no Departamento de História da UFMT (2013-2015), PPGHIS/UFMT(2014-2016) e ProfHist/UFMT (2015-2018). Foi professora visitante na University of Illinois, com bolsa CAPES (PVE Júnior – Edital nº 45/2017 – Seleção 2018), no período de janeiro a dezembro de 2019. Desde 2015 é professora na Faculdade de Educação da UERJ e professora permanente no ProPed/UERJ. Atualmente é vice-chefe do Departamento de Ciências Sociais e Educação. Orientou dissertações de mestrado e tese de doutorado. É Procientista da UERJ desde 2017, Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ desde 2015 e coordenou projetos de pesquisa contemplados em editais da FAPEMAT, FAPERJ, CNPq e CAPES. Tem produzido livros e artigos nos campos da História da Educação e do Ensino de História. Em 2020, criou o canal no Youtube Conversas com Educação, no qual divulgo as pesquisas por mim realizadas, e também, procura dialogar com professoras/es sobre experiência e prática docente, e com pesquisadoras/es de temáticas relacionadas ao campo da História da Educação. É autora do livro infantil Flores de ébano, publicado pela Mazza e do livro infanto-juvenil As rosas que o vento leva, publicado pela Kitabu, ambas editoras afrocentradas. Os textos podem ser acessados em: Academia Edu: <https://uerj.academia.edu/AlexandraLimadaSilva>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0310-7896>.

Professora Alexandra, gostaria de começar essa entrevista, conhecendo um pouco da sua trajetória como educadora, pesquisadora e a sua chegada as produções de literatura infantil.

Gosto bastante de começar por esse meu percurso formativo como “educadora, pesquisadora e escritora de literatura infantojuvenil”, pois há muita intersecção neste processo. Nasci em Belford Roxo, Baixada Fluminense, no ano de 1980. Sou filha caçula, e me criei na “escola pública”, a qual frequentei desde as séries iniciais. Concluí o Ensino Médio também em uma escola pública pertencente a rede estadual do Rio de Janeiro. Cursei Formação de Professoras (Curso Normal) no Instituto de Educação Clélia Nanci no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Fui professora de série iniciais no CIEP 430 Carlos Marighella, situado na Ilha de Itaoca, um dos bairros mais pobres de São Gonçalo. Esta foi a mesma escola em que eu estudei no Ensino Fundamental, e poder retornar lá como professora foi algo muito marcante em minha trajetória profissional e pessoal. Aos 20 anos, fui a primeira pessoa da minha família a ingressar em uma universidade pública. Ingressei no curso de graduação em História na UFF em agosto de 2001. Desafios outros me aguardavam. Nas primeiras semanas na universidade, eu me sentia deslocada, excluída, invisível, a que chegou por último (mesmo sendo a primeira da minha família a chegar ali!). Eu sentia que eu não estava no mesmo nível que a maioria dos meus colegas. Eu também contava nos dedos as pessoas negras ocupando aquelas cadeiras como estudantes, num cenário em que o corpo docente também era majoritariamente branco. Meu interesse pelo tema da escravidão e liberdade foi acolhido ainda na graduação em história, e eu tive a oportunidade de participar de um projeto de pesquisa sobre mulheres africanas libertas e mobilidade social no século XIX. Eu me incomodava bastante pelo fato de muita coisa produzida e pesquisada nas universidades brasileiras demorar muito para chegar na Educação Básica. Especialmente os livros didáticos de História do Brasil me preocupavam, principalmente na reprodução de estigmas e estereótipos relacionados a população afrodescendente. Graças a dedicada e competente orientação da professora Laura Maciel, escrevi uma monografia de conclusão de curso de graduação e uma dissertação de mestrado a respeito da problemática Ensino de História e Mercado Editorial no Rio de Janeiro, tendo como foco os livros didáticos de História do Brasil no período de 1870-1920. Durante o mestrado em História na UFF, atuei como professora substituta no Colégio Universitário Geraldo Reis/UFF. Além de ministrar aulas para crianças e jovens do Ensino Fundamental, eu recebia estagiários da Prática de Ensino em História. A partir desta experiência, senti a necessidade de cursar doutorado em Educação, pois minha identidade profissional, desde muito cedo, era a de educadora/pesquisadora. Eu não consigo separar essas duas dimensões na minha existência. No doutorado em Educação

na UERJ, sob a generosa orientação da professora Ana Chrystina Mignot, pude aperfeiçoar as análises a respeito de Rocha Pombo, que também se dizia muito preocupado com a educação de “crianças e homens simples do povo”. Rocha Pombo foi um caso bastante interessante em termos de massificação e circulação de livros didáticos. Acredito que isso tenha se dado especialmente pela linguagem mais leve utilizada por este autor. A partir da orientação da professora Ana Chrystina, pude conhecer melhor o universo das “escritas autobiográficas”, e foi o embasamento que eu precisava para ter coragem de me aprofundar mais nas chamadas “slave narratives” ou “autobiografias de escravizados”, algo que eu já desejava desde os tempos de graduação, mas não tinha coragem de investir, principalmente pela barreira da Língua Inglesa. Desde 2014 tenho me dedicado de forma mais sistematizada a leitura das escritas de si na escravidão. E foi todo este percurso que me levou à escrita de literatura infanto-juvenil, porque eu acredito que há uma demanda e urgência muito grande em levar um pouco mais destas tantas histórias e protagonismos da população afro-brasileira para as crianças e para as/os jovens no Brasil.

Como compreende a importância dos livros infantis na formação para diversidade?

Eu fiz 40 anos em 2020 e neste ano, eu publiquei meus primeiros livros voltados para o público infantojuvenil. *As rosas que o vento leva*, publicado pela editora Kitabu e *Flores de ébano*, pela editora Mazza, ambas editoras afrocentradas e lideradas por mulheres negras. Com autoras como bell hooks, eu aprendi que devo escrever para quem também não está na universidade. Eu devo continuar conversando com quem está na educação básica, e principalmente, devo lutar para que jovens e crianças se sintam representadas/os nas histórias que leem, nas práticas cotidianas nas escolas, no sentido de que “Ensinar fora do contexto de sala de aula é uma forma de assegurar que a educação democrática seja acessível a todas as pessoas (...)” (hooks, 2020, p. 215). Escrever livros para o público infanto-juvenil é uma maneira de promover reparação comigo mesma, com o que eu e as meninas da minha geração não tivemos. A autoestima importa. É essa hoje minha maior preocupação. Contar histórias que inspirem. Me preocupo em divulgar as narrativas e o protagonismo de pessoas negras que, mesmo em condições terríveis, como foi o caso da escravidão, se levantaram, resistiram, se tornaram autoras e protagonistas das próprias histórias, em primeira pessoa.

Nos fale um pouco sobre as temáticas dos livros infantis que produziu nos últimos anos.

As rosas que o vento leva é um livro voltado para o público juvenil. O título remete ao protagonismo feminino, aquelas mulheres negras que nem sempre são lembradas. É também uma metáfora para a dor, as separações, o esquecimento. Este livro fala também, da importância do afeto, da solidariedade e dos laços familiares. Eu gosto especialmente da relação da protagonista, uma anciã, com uma jovem menina, remetendo a importância da ancestralidade e da passagem de saberes entre as gerações. E como é importante valorizar essas guardiãs das memórias nas famílias. Meu outro livro, *Flores de ébano*, é voltado para o público infantil e juvenil, e versa sobre 12 mulheres que lutaram pela liberdade, entre os séculos XVIII e XIX, em diferentes lugares. Eu conto um pouco das histórias de Harriet Tubman, Esperança Garcia, Sojourner Truth, dentre outras. Nos dois livros, eu utilizo as flores e as rosas como inspiração, na proposição de pensar todas o florescimento de todas estas mulheres, que se tornaram sementes, a meu ver.

Em quais aspectos suas atividades no Programa de Pós-graduação em Educação se articulam com a produção para o mundo das crianças?

Acredito que ocupar o espaço de um Programa de Pós-Graduação em Educação, numa universidade pública como a UERJ, é ter oportunidade de acessar recursos singulares. Apesar da grave crise econômica que atingiu o Estado do Rio de Janeiro, o que impactou inclusive no

pagamento dos salários docentes, ainda assim, produzimos pesquisa de ponta. E isso não é pouca coisa. Produzir, apesar das condições adversas. E produzir conhecimento socialmente relevante, a partir das demandas e urgências da sociedade, que paga impostos e que financia a universidade pública. Retornar para a sociedade o conhecimento produzido nas universidades é de fundamental importância e as crianças e jovens merecem especial atenção e respeito neste retorno. É nisso que eu acredito.

De que maneira suas experiências e vivências internacionais foram desdobradas nos livros infantis?

Em 2019 eu tive a oportunidade de viver por 01 ano nos Estados Unidos com bolsa CAPES para a realização de estágio pós-doutoral. Poder visitar escolas, museus, bibliotecas foi parte deste movimento formativo. Nestas vivências, pude ter contato com um universo de materiais voltados para o público infantil, com especial atenção para a temática das relações raciais, que muito contribuíram para o entendimento de que ainda há muito o que ser feito no Brasil neste sentido. Precisamos de mais políticas públicas e editais de fomento a publicações, audiovisual, museus e bibliotecas para o reconhecimento da diversidade e para o enfrentamento das desigualdades sociais e do racismo estrutural no Brasil.

Em sua opinião o que aprendemos com a pandemia do COVID19 as histórias infantis?

O confinamento e o isolamento social tornaram ainda mais urgentes o debate acerca da importância de políticas públicas para o fomento de uma outra literatura infantil. Uma literatura infantil que contemple a diversidade e que respeite a dignidade de jovens e crianças. Essa é uma geração profundamente impactada por esta crise. Investir em livros de qualidade, num cenário dominado por games, é investir em saúde e qualidade de vida das crianças e jovens. É tempo de nos reinventar para seguirmos existindo. Respeitar e zelar pelo o direito de jovens e crianças à uma educação de qualidade, é dever de toda a sociedade.

Professora Alexandra, muito obrigado por nos conceder essa entrevista!

Recebido em 26 de janeiro de 2021.

Aceito em 18 de fevereiro de 2021.